

Ensino de piano em grupo no curso de Licenciatura em Música da Unicamp

Comunicação

GTE 13 – Ensino Superior de Música

Miriã Cassuci Arantes Machado
Unicamp
miriacassuci@gmail.com

Adriana do Nascimento Araújo Mendes
Unicamp
aamendes@unicamp.br

Resumo: O ensino de piano em grupo (EPG) tem crescido, alcançando diferentes espaços, desde oficinas, projetos sociais e escolas até universidades. Na Licenciatura em Música há uma disciplina de EPG, assim, tem-se um espaço para observação da prática e reflexões. Esta pesquisa tem buscado compreender os objetivos, funções e abordagens metodológicas do EPG na Unicamp e, principalmente, a visão dos alunos que a cursam, trazendo a perspectiva do futuro educador quanto aos recursos que pode utilizar e outras aplicabilidades para a vida profissional. A partir de uma pesquisa qualitativa com investigação documental, bibliográfica, acompanhamento da disciplina e aplicação de um questionário aos discentes que a cursaram no ano de 2023 (e, posteriormente, aos que estiverem cursando em 2024) tem-se investigado o quanto a disciplina tem ajudado os futuros professores e coletado observações de possíveis melhorias.

Palavras-chave: licenciatura em música, ensino de piano em grupo, educação musical.

Breve histórico e disposição da disciplina com EPG na Universidade

O ensino coletivo de instrumentos no Brasil é uma prática recente: as metodologias começaram a ser sistematizadas a partir de 1950 (Rebouças, 2012) e, para o piano, instrumento de interesse deste artigo, iniciou-se na década de 70 conforme diz Machado:

Marion Verhaalen veio ao Brasil em 1973 para apresentar o então intitulado “Método Dr. Robert Pace”. Segundo ela, foram dezessete anos de viagens pelo Brasil. Abigail Silva, professora de piano e diretora do COMUSA (Conservatório Musical de Santo Amaro), implementou, em São Paulo, o método em seu conservatório de música, tornando-se sua representante oficial em 1º de setembro de 1976 (Machado, 2016, p. 138).

Posteriormente, foi difundido no ensino superior da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) pela professora Maria de Lourdes Junqueira Gonçalves com o curso de “Especialização em Ensino de Piano em Grupo” e incentivo aos alunos para pesquisarem sobre o assunto, culminando na criação da disciplina de piano em grupo no curso de Licenciatura em Música da UFRJ (Machado, 2016).

Ademais, tendo em vista que a aplicação e pesquisa sobre o ensino instrumental coletivo tem crescido no país, a pesquisa de Iniciação Científica, da qual este artigo faz parte, visa trazer mais resultados sobre esse formato e investigar sua aplicação em um espaço específico, assim como a visão dos graduandos quanto a essa formação. Afinal, há um predomínio de pesquisa e aplicabilidade desse formato nas escolas de música e projetos sociais no estado de São Paulo (Sodré, 2014) e cada universidade possui uma realidade, desde a estruturação do curso até a educação básica da região, que influencia na formulação da disciplina que possui o EPG. Por isso, o foco de pesquisa na licenciatura (da Unicamp) que, para além de aplicá-lo com mais funções, é um espaço abrangente e benéfico para ampliar os debates e trocas de experiências sobre o ensino e elucidar seus objetivos, funções e abordagens metodológicas de acordo com o cenário de aplicação, como ressalta Simone Machado (2016):

A faixa etária a que se destina é um dos fatores a ser considerado, quando se quer situá-lo no âmbito metodológico. Pode-se trabalhar com um grupo de crianças, ou grupo de jovens e até de adultos ou da terceira idade. O objetivo de sua oferta é um outro fator fundamental, sobretudo quando se trata do desenvolvimento de habilidades funcionais, o que é típico das disciplinas de graduação em instituições de ensino superior; ou quando se prioriza o aprendizado musical ao piano com fins recreativos nos moldes do RMM (Recreational Music Making), tal como ocorre nos Estados Unidos da América[...] (Machado, 2016, p. 134).

Para contextualizar o espaço de estudo da pesquisa é preciso entendê-lo desde seu início. O curso de Licenciatura em Arte - Música da Unicamp iniciou em 2006 e, como já havia o curso de bacharelado (em regência, composição e instrumento, erudito ou popular), foram implementadas no currículo disciplinas do núcleo comum já existentes e, ao longo dos anos, incrementaram-se mais disciplinas específicas de acordo com as necessidades e estudos para melhor estruturação do curso. Tais mudanças podem ser vistas pela mudança de carga horária

do curso, em 2006 de 2925 horas, em 2012 de 3060 horas e a partir de 2015, 3360 horas¹. Diante desse cenário, foi em 2012, quando houve uma grande reforma e organização no currículo de música, que iniciou-se a disciplina *Laboratório de Instrumentos Harmônicos* (código MU068) com a ementa “Estudo ordenado e progressivo de instrumentos harmônicos visando o desenvolvimento técnico-pedagógico do aluno” (DAC, 2012)², sendo oferecida no 2º semestre com 2 horas de aula semanais e com sugestão de realização no 1º ano do curso.

Considerando que o curso tem como objetivo qualificar o licenciando para:

o trabalho em instituições educativas, escolares e não escolares, tanto no âmbito do ensino, como professor da educação básica, quanto em outras dimensões do trabalho educacional. Faz parte dessa formação profissional a experiência investigativa bem como de reflexão acerca de aspectos políticos e culturais da ação educativa (DAC, 2006).

já havia, desde seu início, as disciplinas *Instrumentos I a IV* para que o discente continuasse estudando seu instrumento, ou algum outro de seu interesse entre os disponibilizados pelo curso³, e pudesse se desenvolver para atuar como professor de instrumento, além da musicalização, em diferentes espaços. Dessa forma, surge o questionamento: o que a disciplina MU068 visa trazer de novo para o aprendizado instrumental e pedagógico, ainda mais focando nos instrumentos harmônicos piano e violão?

A pesquisa qualitativa e o estudo de caso situacional

Considerando que o objetivo do estudo é observar, identificar e compreender os fenômenos, a pesquisa é qualitativa. Ademais, como consiste na observação de um fenômeno dentro de um contexto, é situacional, “cada local e momento possui características específicas que opõe à generalização” (Stake, 2011, p. 25, apud Penna, 2017, p. 102).

Como tem-se estudado uma disciplina de um curso de Licenciatura em Música em uma universidade pública no estado de São Paulo, a Unicamp, trata-se do formato estudo de

¹Dados disponíveis na aba *Catálogos de cursos* no site [DAC - Catálogos de cursos \(unicamp.br\)](http://DAC - Catálogos de cursos (unicamp.br)) - citação direta para cada ano mencionado nas referências bibliográficas.

²Ementa disponível no site :: Catalogo de cursos UNICAMP ::

³As aulas são com discentes do bacharelado sob a orientação do docente responsável por aquele instrumento, dessa forma, ambos estudantes estão matriculados em disciplinas e se desenvolvendo dentro do ambiente acadêmico com supervisão.

caso. Para compreensão dos objetivos, funções e abordagens metodológicas utilizadas nas aulas de piano em grupo a observação, no segundo semestre de 2024 será participante, com contato direto com o fenômeno observado e, como característico da pesquisa qualitativa, é subjetiva na medida que relatará o modo como as diferentes pessoas (docente e discentes) dão sentido ao uso do piano academicamente e profissionalmente. Por mais que o estudo seja situacional, ao ser relacionado com outras pesquisas de mesmo aspecto, permitirá que se encontre similaridades e divergências “num processo que vai firmando gradativamente elementos relevantes para a caracterização e análise de determinadas problemáticas” (Penna, 2017, p. 104), dessa forma, contribuindo para a melhoria dos processos de ensino e aprendizado para e do professor de música. Por fim, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o processo (CAEE) de nº 72894623.7.0000.8142.

Para a coleta de dados, têm sido utilizadas três formas, sendo elas:

1. Estudo documental: currículo do curso, programa da disciplina e suas referências bibliográficas de diferentes anos; material complementar quanto ao EPG, formação do licenciando e ensino coletivo de instrumento;
2. Questionário com questões fechadas, aos discentes do ano de 2023 - já aplicado - e de 2024: para compreender suas visões e relação com a disciplina (tema será discutido no próximo tópico);
3. Diário de campo, acompanhamento de três aulas da disciplina no segundo semestre de 2024: coletar informações quanto ao desenvolvimento da disciplina e relação dos graduandos com a mesma.

Para a análise dos dados coletados, como há um material documental, a técnica de análise possui uma parte de análise documental qualitativa, já que está sempre sendo posta em averiguação de concordância e/ou discordância com os fenômenos observados.

Por fim, o registro escolhido foi a escrita e o uso de tabelas/quadros para relatar as recorrências, para todo o material coletado (documentos, questionário e diário de campo), devido à facilidade visual e organizacional que permite dos dados (Penna, 2017, p. 157 à 160)⁴. E, por fim, para compreensão do funcionamento geral da disciplina esses dados estão sendo

⁴ A utilização de tabelas e quadros não possui um caráter quantitativo mesmo que utilize números, afinal, a pesquisa não possui a intenção de quantificar e generalizar, apenas relatar as recorrências e compreendê-las.

relacionados, para que se possa ter uma base teórica para compreensão da visão dos graduandos quanto ao EPG, formação pianística e sua aplicabilidade na vida profissional.

Resultados parciais

Programa pedagógico da disciplina MU068: da estrutura à infraestrutura

O ensino coletivo de instrumentos tem sido bem querido por sua abrangência de acesso para a sociedade, já que permite muitas pessoas fazerem a aula ao mesmo tempo, e suscitando pesquisas e debates sobre sua eficácia e objetivos como, além das já citadas, a criação do Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ENECIM) com sua 1ª edição em 2004. Em paralelo, há o debate sobre a formação do licenciando e os benefícios do aprendizado de um instrumento harmônico e do domínio das habilidades musicais e funcionais citadas como essenciais ao professor em sala de aula por Campitelli e Mendes (2021), o que também explica sua crescente aparição nas licenciaturas em música, para que o licenciando possa ter domínio do instrumento e saiba como ocorre o ensino instrumental coletivo. Exemplificando, a pesquisa de Simone (2016) localizou 70 universidades, dentre 104 investigadas, com disciplinas correlacionadas ao EPG.

E foi diante desse cenário de pesquisas que a disciplina *Laboratório de Instrumentos Harmônicos* surgiu na licenciatura em música da Unicamp, ofertando o desenvolvimento do piano ou do violão, sendo possível o discente optar por um deles na primeira aula da disciplina. Ademais, para que todos alunos possam ter uma melhor assistência durante as aulas a disciplina possui monitores, inscritos pelos programas: Programa de Apoio Didático (PAD) para graduandos, e Programa de Estágio Docente (PED) para pós-graduandos. Vale ressaltar que o instrumento de domínio da docente é o piano, logo, para oferecer uma garantia de maior qualidade para o desenvolvimento do violão foi estabelecido que o monitor seja da pós-graduação. Consequentemente, caso não haja algum pós-graduando que seja violonista e se inscreva na disciplina no estágio de docência, o violão não será oferecido, concentrando todos os alunos no piano.

A partir da análise do programa da disciplina de 2012, 2015 e o atual (2023) constatou-se que houve maior detalhamento e o acréscimo de tópicos e materiais.

Objetivos

Houve uma reescrita do objetivo nº 2, a retirada de um objetivo, transformando-o em 2 tópicos do conteúdo programático (nº 9 e 10 da Tabela 2) e o acréscimo de três objetivos, nº 1, 3 e 4 (vide Tabela 1). Ou seja, ao longo dos anos a disciplina foi sendo reestruturada para melhor atender seu público, demonstrando uma busca por melhorias e contato com as novas produções científicas sobre o EPG.

Tabela 1: Objetivos da disciplina de 2023

Objetivos	
1º	Instrumentalizar o aluno para acompanhar grupos musicais ao teclado/piano
2º	Desenvolver a técnica e a leitura musical em nível iniciante/intermediário no teclado/piano aliada à prática musical de exploração sonora e criação musical
3º	Aplicar conceitos harmônicos básicos ao estudo do instrumento
4º	Estudar aspectos do ensino coletivo de instrumentos musicais ao teclado/piano

Fonte: dados coletados do Programa da Disciplina disponibilizado pela docente para a turma, também sob domínio da Coordenadoria de Graduação do Instituto de Artes da Unicamp.

Tabela 2: Conteúdo Programático de 2023

Conteúdo Programático	
1	Pentacorde nas 12 tonalidades maiores - movimento paralelo e contrário
2	Arpejos
3	Pergunta e resposta, improvisação na escala pentatônica, ostinato
4	Harmonização de melodias
5	Acordes de subdominante e de dominante com sétima
6	Leitura à la vista
7	Sequências harmônicas: I IV I V7 I e I vi ii V
8	Acompanhamento de vocalizes para coral
9	Duetos ao piano
10	Peças individuais

Fonte: dados coletados do Programa da Disciplina disponibilizado pela docente para a turma, também sob domínio da Coordenadoria de Graduação do Instituto de Artes da Unicamp.

Conteúdo Programático

Houve uma reescrita com maior detalhamento, passando de 5 para 10 tópicos. Vale ressaltar que desde 2023 acrescentou-se um componente de extensão à disciplina (DAC, 2023) com o objetivo dos discentes terem a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos no projeto de extensão Oficina de Musicalização da Unicamp, seja para o ensino coletivo de instrumento ou acompanhar, ao piano ou violão, alguma atividade (improviso/criação, repertório ou vocalise).

Além do mais, a tabela 2 apresenta uma organização do conteúdo que na prática o aprendizado mescla e acrescenta tópicos de acordo com o avanço do desenvolvimento da turma. Exemplificando, os pentacordes são agrupados e ensinados de 3 em 3 de acordo com sua formação (apenas teclas brancas no acorde, por exemplo), posteriormente já se pode explorar uma sequência harmônica e até um vocalise após aprender 2 grupos de pentacorde (já serão 6 acordes).

Por fim, como o próprio nome da disciplina aponta, é um laboratório, e como tal, as sugestões de monitores e estagiários do PAD e do PED e de discentes são bem-vindas às aulas, testadas e desenvolvidas naquele semestre.

Referências bibliográficas

Relacionando-as com as práticas em aula - sempre que houver a citação “tópicos” é uma referência ao conteúdo Programático (tabela 1) - há:

1. Bibliografia retirada: Elmer Hereema (1984);
2. Bibliografia mantida:
 - a. Adriana Mendes e Glauber Santiago (2011): referencial teórico para estruturação da disciplina;
 - b. Ricardo Nakamura (2006): tópico 9.
3. Bibliografia acrescentada:
 - a. James e Jane Bastien (1968): tópico 1, 2, 5 e 7 e indiretamente tópico 4 e 8;
 - b. Mary Froehlich (2004): conexão com o objetivo nº 3;

- c. Robert Pace (1973): tópico 3 e 6;
- d. Liliana Bolos (2017): tópico 4 e indiretamente 5 e 7;
- e. Moema Campos (2002), Laura Longo (2003), Carla Reis e Liliana Botelho (2019): tópico 9 e 10 e indiretamente levadas e características de ritmos e gêneros brasileiros

Dinâmica das aulas e a infraestrutura

Para organizar as aulas, a turma é separada entre iniciantes e intermediários/avançados para cada instrumento, dessa forma, permitindo que a turma se desenvolva e tenha assistência de acordo com seu nível. Com isso, os dois grupos têm aulas juntos ou separados de acordo com o conteúdo trabalhado e perfil daquela turma - quanto ao domínio instrumental, já que os licenciandos têm domínio de diferentes instrumentos, o que é uma variante.

Desde 2019 a disciplina possui limite de 20 (em 2018 foi de 15 vagas⁵) matrículas e uma média de 18 matriculados nos últimos 7 anos (vide tabela 3).⁶

Tabela 3: Número de matrículas por ano, de 2018 a 2023

Ano	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
Número de matrículas	14	24	17	17	16	21	16

Fonte: Aba Caderno de Horários, Disciplinas Oferecidas, 2º semestre disponível no site da DAC – <https://www.dac.unicamp.br/portal/caderno-de-horarios/2022>.

Variações na dinâmica da aula

A dinâmica e desenvolvimento das aulas funcionam e avançam de acordo com a turma e seus conhecimentos prévios quanto ao conteúdo programático, assim como para os monitores. Logo, há 3 variantes principais:

Perfil da turma

Os ingressantes no curso de licenciatura possuem 3 aspectos de maior influência para a disciplina:

⁵ Informações retiradas do site da DAC. Disponível em: [DAC - MU068 - Laboratório de Instrumentos Harmônicos - 2S/2018 \(unicamp.br\)](https://www.dac.unicamp.br/portal/caderno-de-horarios/2018).

⁶Dados referentes ao ano de 2012 ainda estão sendo localizados e coletados para que se possa analisar a evolução da disciplina em todos seus aspectos.

1. Formação musical prévia: conservatório, escola de música, projeto social, aula particular, instituições religiosas e autodidata;
2. Maior domínio da linguagem erudita ou popular: por mais que a disciplina vise trabalhar a leitura de partitura (característica da linguagem da música erudita) e as cifras (característica da linguagem da música popular), o nível de domínio do discente influenciará no seu desenvolvimento, já que parte do tempo de estudo será destinado à melhor compreensão da partitura e/ou da cifra;
3. Instrumento principal: por mais que tenhamos historicamente o predomínio de alguns instrumentos, como o próprio piano, isso não garante o número majoritário de alunos realizando o piano. Ademais, quando há a oferta de violão, parte desses pianistas são incentivados a conhecerem o violão, ou optam por ele, por já saberem o piano e quererem ver algo novo.

Monitores

Para ser PAD o graduando precisa já ter realizado a disciplina, dessa forma, já sabendo como ela funciona parcialmente, tendo em vista que participou de tudo que ocorre em um nível da turma, desconhecendo a totalidade do funcionamento da outra. Já para ser PED, não há esse pré-requisito, afinal, é um estudante pós-graduando e a disciplina pertence à graduação, mas precisa ter como instrumento principal o piano ou o violão.

Novamente, como cada pessoa já traz consigo uma formação e prática de ensino específica, sua abordagem terá, mesmo que sutil, diferença em relação aos demais monitores. Dessa forma, cada equipe oferecerá um apoio, podendo ser constituída apenas de monitores de graduação, apenas de estagiários de pós-graduação ou com ambos.

Oferecimento ou não do violão

Como há o pré-requisito do estagiário pertencer à pós-graduação, há anos que o violão não é oferecido. Dessa forma, todos os alunos ficam no piano, indo além dos recursos disponíveis (tabela 4), com muito mais discentes para os monitores e a docente auxiliarem. Quanto ao número de alunos, como já visto, há um número médio de 18 matriculados, sendo a maioria do 1º ano de curso e alguns poucos de outros anos.

Tabela 4: Infraestrutura disponível em funcionamento para a disciplina e, entre parêntesis, a quantidade total.

Recurso	Piano digital	Teclado	Violão	Sala
Quantidade	6	3 (5)	5	2

Fonte: Coleta de dados pela observação das salas.

Visão dos graduandos

Essa parte do estudo pretende abordar e analisar duas turmas diferentes, de 2023 e 2024. Portanto, no momento só foram coletados dados, pelo questionário, da turma de 2023. Vale ressaltar que somente os alunos que se sentiram confortáveis participaram do questionário, logo, a porcentagem e a referência a um total são baseadas na quantidade de respostas.

Contextualizando, a turma perdeu 4 aulas, o que afetou seu desenvolvimento, pois houve uma greve e paralisação, acarretando na perda de 3 aulas no mês de outubro e, devido à interdição do prédio do Instituto de Artes por conta de obras, perda de 1 aula em dezembro. A seguir serão apresentados dados coletados por perguntas que possuíam uma justificativa, trazendo a visão dos discentes de forma mais direta - e os demais dados dependem da segunda aplicação para serem analisados.

Tabela 5: Perguntas com justificativa

Pergunta	Resposta	Justificativa
É importante o domínio de um instrumento harmônico para o professor, pensando na educação básica? (como recurso).	SIM - 100%	Acompanhar coral, acompanhar uma melodia trabalhada em aula, para demonstrar e/ou explicar um conteúdo.
Os conhecimentos abordados na disciplina são suficientes para o domínio do educador sobre um instrumento harmônico?	50% efetiva - 50% 75% efetiva - 50%	ter o aprendizado de mais instrumentos harmônicos, ensino de levadas rítmicas para acompanhamento, um semestre é pouco tempo para um bom desenvolvimento, ou seja, ter uma continuidade da disciplina.

Fonte: Coleta de dados pelo questionário.

Tabela 6: Perguntas sem justificativa

Pergunta	Resposta
Nível de proficiência ao piano.	Iniciante - 60% Intermediário - 30% Inter. avançado - 10%
Julga viável e efetivo o ensino instrumental coletivo?	SIM - 100%
Já atua como professor?	SIM - 70% NÃO - 30%
Utiliza algum instrumento como recurso/ferramenta de ensino? (Entre os que já atuam como professor)	SIM - 100%
Qual instrumento utiliza? (Entre os que já atuam como professor).	Violão - 50% Piano - 25% Guitarra - 12,5% Percussão 12,5%

Fonte: Coleta de dados pelo questionário.

Somando a isso, muitos ressaltaram a importância do domínio de um instrumento harmônico, mas muitos também ressaltaram a importância do domínio do canto. O que reflete a nossa prática nas aulas de música, o uso do canto como instrumento primordial, já que é o mais acessível e “todos já possuem”, assim como um acompanhamento harmônico para o canto e até para algum instrumento que esteja realizando uma melodia ou solo.

Diante disso, em diálogo com a docente responsável, há alunos que procuram continuar o desenvolvimento pianístico, alguns pela disciplina de *Instrumento* (com a própria docente ou através da monitoria com algum discente com domínio avançado do instrumento) e outros pela formação de pequenos grupos para estudo. Além disso, a docente ressalta que o ideal seria ter uma continuidade da disciplina como *Laboratório de Instrumentos Harmônicos II*, mas isso depende da combinação da disponibilidade da docente com a grade do curso, talvez sendo necessário uma alteração no currículo do curso.

Conclusões Parciais

Como a disciplina traz o nome de *Laboratório de Instrumentos Harmônicos* os alunos têm sua expectativa quebrada ao se depararem com a possibilidade de ter acesso a aulas de apenas dois instrumentos harmônicos, e ainda mais quando é só o piano (como ocorreu em 2023). A ideia de ofertar dois instrumentos é ser mais abrangente, mas infelizmente a docente lida com a variante de às vezes não ter um estagiário para ministrar as aulas de violão. Um ponto a se ressaltar é que o principal a ser feito é o desenvolvimento do piano, ele é a constante. Exemplo disso é o fato do programa da disciplina ser todo voltado para o mesmo, o que é justificado pela formação pianística da docente. Novamente, isso não quer dizer que deveria ter somente o piano ou mudar o nome da disciplina, pois é justamente seu caráter de laboratório que abre espaço para que tenha outros instrumentos harmônicos e conteúdos de acordo com o domínio e formação dos monitores e sugestões dos discentes. Concluindo-se, então, que o nome da disciplina é condizente com o que procura desenvolver.

Quanto ao conteúdo, os discentes citaram o interesse no aprendizado de ritmos e levadas para fazer o acompanhamento, porém, de acordo com o nível iniciante da turma e seu desenvolvimento, geralmente não há tempo e domínio instrumental suficiente para se trabalhar as levadas. Em segundo, os interesses do que desenvolver mais (dentro e/ou que se relacione ao conteúdo programático) varia de turma para turma. Com isso, ressalto a importância da comunicação entre os discentes, monitores e a docente para definir e localizar as possibilidades de se desenvolver o conteúdo de interesse. Em terceiro, como a docente já sabe o curto tempo que possui, ao apresentar os repertórios, solo ou duo e individual ou coletivo, já é feita uma análise das características que os tornam pertencentes a determinados gêneros, assim como procurou agregar a obra de Moema (2002) à disciplina, pois traz peças curtas pertencentes a diferentes gêneros. Em quarto, o livro de Liliana Bolos (2017), utilizado nos dois níveis da turma - nível iniciante geralmente realiza apenas o capítulo 1 e o nível intermediário-avançado até o capítulo 4 -, traz um passo a passo do desenvolvimento da forma e levada do *blues* e do *choro*.

Recordo-me que, ao realizar a disciplina e quando a acompanhei como monitora, a docente ressaltou na primeira aula, assim como na primeira reunião, a importância do diálogo,

da abertura da disciplina para sugestões, para que aproveitássemos o laboratório, que aquele era o momento e espaço para experimentos e troca de experiências. Com isso, o acréscimo de um componente de extensão acrescentado é uma “porta” maior para que haja os experimentos e, indo mais além, para que se aplique o experimento em outro espaço, o projeto de extensão Oficina de Musicalização.

Somando isso ao conteúdo programático, pode-se afirmar que a disciplina visa trazer o domínio básico do instrumento harmônico como um recurso para sua atuação profissional, seja para acompanhar um coral, acompanhar outro instrumento, base harmônica para musicalização e ensino coletivo de violão e piano. E, como resultado e estímulo das discussões sobre ensino coletivo, há pesquisas que foram e estão sendo realizadas por discentes, diretamente ou indiretamente conectadas à disciplina e sua temática, como esta pesquisa em andamento, a de Juliana Campitelli (2021; 2023), de Mariana Borges (2018) - pesquisas publicadas e localizadas até o momento.

Já quanto a ter apenas uma turma e um semestre temos uma limitação. Primeiro, as turmas possuem uma média de 18 alunos matriculados, superlotando a sala e caso houvesse mais espaço precisaria-se de mais monitores para auxiliar a todos, o que também não há muito (geralmente 1 ou 2 monitores em sala). Em segundo, o prazo de apenas um semestre é insuficiente, um ponto de consenso total entre discentes e a docente, mas ainda não encontrou-se tempo na grade da docente e organização do currículo para que haja pelo menos mais um semestre.

Por fim, pensando no uso profissional do instrumento harmônico como recurso ao professor, todos discentes, participantes do questionário, afirmaram ser importante e dos que já atuam como professores, 90% já os utilizam. E, vinculando o uso ao ensino coletivo de instrumento, há os dois espaços de estágio e extensão, que podem concorrer para atuar, vinculados à Unicamp e para graduandos em música da mesma, dessa forma, ressaltando a importância da disciplina no curso.

___, Diretoria Acadêmica da Unicamp. *Disciplina MU068*. In.: Catálogo dos Cursos de Graduação: música. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2023. Disponível em: [Catálogo dos Cursos de Graduação - UNICAMP - 2023](#) . Acesso em: 22 de maio de 2024.

FROEHLICH, Mary Ann. *101 ideas for piano group class*. Alfred Music Publishing Co., 2004.

HEREEMA, Elmer. *Progressive Class Piano a practical approach for the older beginner*. 2nd Ed. California: Alfred Publishing Co., 1984.

IA, Instituto de Artes da Unicamp. *Programa de Disciplina: Laboratório de Instrumentos Harmônicos*. Coordenadoria de Graduação do Instituto de Artes-Unicamp, Campinas-SP, 2012.

___, Instituto de Artes da Unicamp. *Programa de Disciplina: Laboratório de Instrumentos Harmônicos*. Coordenadoria de Graduação do Instituto de Artes-Unicamp, Campinas-SP, 2015.

___, Instituto de Artes da Unicamp. *Programa de Disciplina: Laboratório de Instrumentos Harmônicos*. Coordenadoria de Graduação do Instituto de Artes-Unicamp, Campinas-SP, 2023.

LONGO, Laura. *Divertimentos*. São Paulo: L. Longo, 2003.

MACHADO, Simone Gorete. *A presença do piano em grupo no ensino superior no Brasil*. Revista Orfeu, Lisboa - Portugal, jan - junho de 2016, página 132. Disponível em: [A presença do piano em grupo em instituições de ensino superior no Brasil | Orfeu \(udesc.br\)](#) . Acesso em : 25 de novembro de 2022.

MENDES, Adriana; SANTIAGO, Glauber. *Uma introdução à prática musical por meio do teclado*. Vol. 1. Coleção UAB-UFSCar. SEaD UFSCar: São Carlos, 2011.

NAKAMURA, Ricardo. *Duetos populares 12 peças a quatro mãos para o iniciante de piano*. Vol.1. Brasília, 2006.

PACE, Robert. *Criando e aprendendo*. GUARNIERI, Vera S.; VERHAALEN, Marion (trads.). Ricordi brasileira, 1973.

PENNA, Maura. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música*. 3ª edição. Porto Alegre (RS) Brasil: Editora Sulina, 2017.

REBOUÇAS, Maria Olinda Sena. *O ensino coletivo de piano no Brasil: panorama geral sobre experiências e métodos*. Monografia de pós-graduação pela Faculdade Paulista de Artes, São Paulo - SP, 2012. Disponível em: [O ENSINO COLETIVO DE PIANO NO BRASIL: PANORAMA GERAL SOBRE EXPERIÊNCIAS E MÉTODOS | Mariô Rebouças - Academia.edu](#) . Acesso em: 25 de novembro de 2022.



REIS, Carla; BOTELHO, Liliana. *Piano Pérolas: quem brinca já chegou!* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

SODRÉ DE SOUZA, Luan. Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: Algumas considerações, *VI Encontro de Ensino Coletivo de Instrumento Musical*, Salvador/BA, 25 a 28 de novembro de 2014. Disponível em: <https://www.cglib.org/wp-content/uploads/cglib.org/Musicology/Ensino%20Coletivo%20de%20Instrumentos%20Musicais%20Algumas%20consideracoes.pdf> . Acesso em: 9 de novembro de 2022.